

LUCAS BUSTAMANTE

ENTRE A LUZ E A ESCURIDÃO





Entre a Luz e a Escuridão

Lucas Bustamante

1

— Meu bem, não posso falar agora, estou no meio da rua... — Centenas de pessoas se espremiavam no centro da cidade tentando passar uma entre as outras, um esbarrão aqui e outro empurrão ali, um caos gerado por indivíduos apressados em um ambiente cheio de sons. Vozes em milhares de tonalidades diferentes, buzinas de veículos com motoristas estressados, britadeiras de ruas, reformas em cada edifício do quarteirão tornavam impossível

para Victor conseguir manter uma conversaço no celular. Ainda por cima, havia o medo constante de ser roubado num local tã propício para violêcia. — Não, não adianta repetir, não consigo escutar nada, essa barulheira infernal vai me deixar louco, quando eu... não adianta, já falei que não consigo te escutar e a bateria do meu celular está acabando! — Laura continuava tentando se comunicar do outro lado da linha, mas quanto mais ele tentava escutá-la, mais irritado ficava com a situação — Olha, quando eu chegar ao escritório eu te ligo. Meu bem, *MEU BEM!* Não

adianta! Depois eu te... — O celular apitou três vezes e uma pequena vibração foi seu último sinal de vida, indicando que a bateria tinha acabado.

Victor guardou o celular no bolso de seu terno ainda remoendo as poucas palavras que conseguiu entender de Laura: “*volte para casa*”. Por que diabos ela estava tão desesperada para que ele não fosse trabalhar naquele dia? Uma preocupação crescente começou a ocupar sua mente e Victor apressou o passo para chegar logo ao escritório e poder conversar em paz com Laura.

As ruas do centro eram estreitas demais para que tantas pessoas conseguissem se movimentar. Cada passo era uma nova conquista, o cheiro de esgoto era até suportável quando comparado com o terrível aroma exalado de certas pessoas que ainda pareciam viver na idade média. As ruas eram mal asfaltadas, prédios velhos caíam aos pedaços e outros piores se erguiam. Havia um pedinte a cada esquina implorando por alguns centavos, calçadas imundas, esgotos estourados e ainda a suspeita de que qualquer um ao seu lado poderia ser um possível psicopata ou talvez algum

desafortunado cogitando a ideia de lhe roubar o pouco que carregava nos bolsos. Tudo isso tornava aquele lugar um dos piores da cidade, que sempre fazia Victor se lamentar de ter escolhido um emprego tão mal localizado.

Essa era sua rotina diária, mas, nesse dia em específico, as coisas seriam um pouco diferentes. Na sua cabeça o motivo era o aniversário de dois anos de namoro, quando planejava pedir Laura em casamento. Sabia que talvez fosse cedo demais, mas tinha certeza de que aquela era a pessoa certa. Estava excitado com a surpresa,

nem mesmo aquele ambiente hostil em que se encontrava conseguiria deixá-lo de mau humor.

O que Victor sequer imaginava era que a surpresa do dia não era o pedido casamento, mas sim a sua morte.

Enquanto caminhava a passos rápidos, se questionou se teria sido duro demais com Laura. Não deveria perder a cabeça, já a conhecia há muito tempo, sabia lidar com ela e eles raramente brigavam. Não é possível que pudesse deixar um motivo tão bobo gerar uma discussão tão grande.

Tudo que sua futura esposa tentava fazer era protegê-lo, mas ela sequer conseguia explicar o motivo pelo qual implorava para ele não ir trabalhar.

Assim que chegasse ao escritório, a primeira coisa que faria seria telefonar para ela e se desculpar. Tentou apressar o passo, mas milhares de corpos bloqueavam seu progresso. O escritório estava apenas a duas quadras de distância, não havia nenhum ponto de ônibus que o deixasse mais próximo da entrada, então teria que suportar aquilo por mais alguns minutos.

A mistura de sons e cheiros começou a deixa-lo tonto. Mal tinha tomado café da manhã naquele dia e esperava chegar logo para colocar algo no estômago. Passou por um dos vários carrinhos de cachorro quente espalhados pelo centro da cidade e seu estomago se embrulhou, questionou-se se era por causa da fome ou da repugnância causada pelo péssimo estado em que era conservada a comida.

Finalmente avistou a entrada do edifício. O prédio possuía vinte e um andares e erguia-se imponentemente pelo céu,

destacando-se entre todas as outras construções que caíam aos pedaços ao seu redor. Suas janelas uniam-se uma com as outras, dando a aparência de ser feito de vidro. Ao contrário dos imóveis desbotados e acabados do centro da cidade, aquele era simétrico e futurístico, avistá-lo era como encontrar um oásis no meio do deserto. Victor atravessou a rua e alcançou a porta giratória. Uma senhora sem pernas se escorava na parede de vidro espelhado ao lado da entrada e balançava um pote velho de metal misturando o som das poucas moedas que ali se encontravam com

o restante da poluição sonora típica da cidade grande. As pessoas passavam por ali a ignorando, como se a fantasia de que a pobre senhora mendigando não existia pudesse amenizar a realidade cruel do mundo em que se encontravam. Victor retirou uma nota de dois reais do bolso e colocou-a dentro da lata da pedinte. Sabia que aquilo não era grande ajuda, mas ficou satisfeito ao ver o brilho nos olhos da senhora ao agradecê-lo.

Passou pela entrada do prédio e cumprimentou o recepcionista, era um alívio estar ali dentro. Assim que transpôs a porta giratória, o

mundo pareceu cair no silêncio, como se de repente toda a população tivesse sido dizimada por uma destruição inaudível. Deu um longo suspiro, sentindo o aroma de limpeza do ambiente. O lado de dentro do edifício era incrível. O chão de mármore parecia favorecer o clima refrescante daquele local e as pessoas não se comportavam como animais brigando, faziam fila para esperar o elevador ou ficavam tranquilamente sentadas nas poltronas confortáveis que ali se encontravam.

Victor se sentia um pouco culpado por poder entrar naquele paraíso

enquanto milhares de desventurados continuavam no inferno ao lado de fora. Acenou para as pessoas que ficavam na recepção, passou seu cartão pela roleta e caminhou direto para o elevador exclusivo de funcionários. O painel acendeu e indicou que se encontrava no décimo terceiro andar.

Nenhum outro funcionário aguardava a chegada do elevador. Victor, de repente, começou a sentir um estranho vazio, uma esquisita sensação de estar sozinho naquele lugar. Um arrepio correu sua espinha até chegar a sua nuca, causando um pequeno calafrio.

Virou-se imediatamente para trás observando o hall de entrada. As pessoas ainda formavam filas para entrar no elevador social e o recepcionista estava atendendo os novos visitantes, nada fora da normalidade. Ao ver tudo isso, a estranha sensação de solidão foi deixada de lado.

Virou-se novamente para o elevador e observou o painel: ainda no décimo terceiro andar. Será que estava em manutenção? Não tinha nenhuma urgência para chegar ao escritório, mas estava com pressa mesmo assim, pois queria ligar para Laura. Victor não entendia o

porquê, mas a ligação para Laura de repente tomou uma importância fora do comum, e aquele elevador parado começou a causar um grande desconforto. Sentiu-se sufocado enquanto estava parado naquele local, olhando aquela porta de metal brilhante que o encarava, desafiando-o a apertar o botão “subir” mais algumas vezes, como se isso pudesse fazer o elevador se mover mais rapidamente.

Finalmente, a luz que indicava que o elevador se encontrava no décimo terceiro andar se apagou, enquanto a luz indicando o décimo segundo se acendia. O movimento do

elevador, porém, não foi o suficiente para acalmá-lo. De repente, Victor se sentiu dentro de uma bolha, pois todos os sons ao seu redor desapareceram e o ar se tornou sufocante. Era como se tivesse acabado de pular de um trampolim direto para a piscina, afundando para um ambiente letárgico como a água, sem sons, sem ar, reduzindo sua capacidade de reação a movimentos lentos e pesados.

Victor começou a se virar para trás e sentiu seus membros como se estivessem amarrados a pesados blocos de concreto. Seus olhos se

arregalaram e gotas de suor começaram a se formar em sua testa. Todas as pessoas que segundos antes estavam logo ali desapareceram. O térreo estava não somente silencioso, mas também deserto.

Evidentemente deveria existir alguma explicação racional para aquela situação, mas a única coisa que Victor não conseguia ser naquele momento era racional. Questionou sua sanidade enquanto o pânico começou a domina-lo. Sentiu que os cantos de sua visão começavam a escurecer e, de repente, ficou consciente de um som

que não escutara antes: um tambor? Não, não era realmente um som, não vinha do lado de fora, mas de dentro de sua cabeça, ecoando em seus ouvidos. Sua mente apavorada demorou a reconhecer os sons do seu próprio coração. Aquilo não era um tambor, mas sim seus batimentos cardíacos. Porém, tão *descompassados...*

Os sons e o ar voltaram para Victor no momento em que as portas do elevador se abriam, assim como um mergulhador percebe novamente a vida ao seu redor ao emergir das águas silenciosas. No mesmo momento,

uma dor lancinante atacou seu peito e se espalhou por todo seu corpo. Sentia sua pulsação irregular como se a, cada batimento cardíaco, chumbo fervente estivesse sendo espalhado por suas veias. Sem ter controle do seu próprio corpo, sentiu que estava caindo e a última coisa que pôde ouvir foram alguns gritos de pânico.

2

Da mesma forma que surgira, a dor foi embora. Nem mesmo a queda brusca causou alguma sensação em Víctor. De um momento para o outro, não conseguia mais sentir o seu corpo e não ouvia som algum. Não conseguia mais mover nenhum de seus membros, nem mesmo seus olhos, que encaravam insistentemente alguns sapatos em movimentos no chão branco do elevador. Seu cérebro, porém,

parecia funcionar perfeitamente.

Em meio a toda sua confusão mental, de repente sua visão se moveu para baixo e o chão do elevador começou a se afastar. Durante uma fração de segundo acreditou que tinha recuperado seus movimentos, até perceber que, na verdade, alguém o estava carregando. Observou dois pares de sapatos ao seu redor enquanto seus próprios pés eram arrastados para fora do elevador.

A estranha movimentação involuntária cessou e sua visão se deslocou novamente. Observou um

amontoado de gente ao seu redor enquanto viravam seu corpo de costas para o chão.

Enquanto encarava as diversas luzes brancas fluorescentes que iluminavam o hall de entrada do prédio, o pânico tomou conta de sua mente quando percebeu que talvez estivesse morrendo. Seria então aquele o grande e temível segredo da morte? Nenhum paraíso ou inferno, mas sim uma eternidade aprisionado em seu próprio corpo? Acompanharia seu próprio funeral silencioso e depois seria condenado à escuridão de seu próprio ataúde até que os vermes

devorassem seus restos mortais? E depois disso, o que restaria?

Um rosto surgiu diante das luzes, lançando sombras aos olhos de Victor. Imediatamente reconheceu o segurança do prédio, que via todos os dias, mas não sabia sequer o seu nome. A boca do homem se movia como se estivesse falando com Victor, mas nenhum som era emitido. Infelizmente era impossível saber o que tentava dizer pela mera leitura labial.

Com o canto dos olhos, Victor também pôde observar o recepcionista em pé, segurando um

telefone celular ao ouvido. Assim que desligou, agachou-se ao lado oposto do segurança e dessa vez foi possível fazer a leitura de seus lábios: “Senhor Victor, aguento firme”.

E então, tudo parou novamente.

Com a mesma sensação de estar emergindo de águas profundas, Victor voltou a sentir seus membros e se levantou com um brusco movimento, debatendo-se e tentando sugar o ar, como se estivesse prestes a se afogar. Com os olhos piscando, ardendo como se estivessem cheios de areia,

Victor demorou alguns segundos para perceber que estava novamente sozinho no hall de entrada. Todos ao seu redor desapareceram e, apesar do silêncio local, sabia que não estava mais surdo. Se dissesse alguma coisa em voz alta, tinha certeza que ouvir a própria voz, mas preferiu o silêncio.

Victor se apoiou na bancada da recepção enquanto ainda tentava respirar tranquilamente. Sua atenção se desviou para local onde antes estava a porta giratória. Não existia mais porta nenhuma, apenas uma parede de vidro que ia do teto

ao chão, cobrindo toda a faixa da do prédio, onde era possível observar o mundo exterior. Porém, dessa vez, não existia mundo exterior, mas apenas uma escuridão quase palpável. Aquela parede de vidro era a única coisa o isolava dentro do que parecia ser o único lugar iluminado do planeta.

Victor atravessou o saguão de mármore e encarou a escuridão exterior, levantando as mãos para tocar o vidro. Um tremor subiu por seus braços causando um arrepio quando sentiu o frio, era como se a temperatura do ambiente externo estivesse abaixo de zero grau e

aquela barreira não fosse feita de vidro, mas sim de gelo.

Afastou suas mãos como se tivesse tomado um choque, mas continuou observando a infinita escuridão que se estendia para além daquele local. Não era possível enxergar nada através do vidro, nem mesmo uma parte da calçada onde antes estava uma pedinte sem pernas ignorada pela multidão do centro da cidade. Era como se o prédio estivesse flutuando em um imenso espaço negro e vazio.

É impossível dizer quanto tempo Victor ficou parado ali, tomado por

uma sensação onírica. Talvez apenas alguns segundos, ou talvez várias horas. O tempo já não tinha importância alguma. Onde quer que estivesse, tinha consciência de que aquilo não poderia ser real.

Quando finalmente despertou daquela hipnótica visão, decidiu começar a vasculhar o local. Virou-se novamente para a recepção e observou o balcão feito de granito, onde ficava o recepcionista. Seguindo à direita, algumas roletas levavam para o elevador social, enquanto à esquerda estava o elevador próprio para funcionários, local onde tudo começou.

Victor seguiu pela esquerda, passando por uma roleta própria para os funcionários e observou o elevador. As portas de metal estavam abertas convidando-o a entrar naquele cubículo bem iluminado. Victor entrou e observou o painel prateado indicando os vinte e um andares do prédio. Tentou apertar o botão para o vigésimo primeiro andar, mas nada aconteceu. Fez a mesma coisa com diversos outros botões aleatórios, incluindo o do alarme, mas o elevador insistiu em ficar parado.

Sem sucesso, Victor se dirigiu para a bancada da recepção. No seu

interior havia uma mesa com diversos papéis espalhados e um computador que servia para o controle de pessoas que entravam no prédio. Victor observou os papéis aleatoriamente, mas não encontrou nada de útil. Abriu algumas gavetas da mesa, mas só encontrou utensílios de escritório, como canetas, cliques, e um grampeador.

Dois monitores ficavam em cima da mesa, um ligado diretamente ao computador e o outro mantinha uma tela dividida em vários quadrantes com imagens das câmeras de segurança que existiam no prédio.

No momento, os dois estavam desligados. A última esperança de Victor naquele lugar era o telefone que ficava ao lado dos monitores. Sem esperança nenhuma, tirou-o do gancho e não se surpreendeu quando a linha não respondeu. Tentou mais algumas vezes, mas nada aconteceu, o telefone continuou mudo.

Desistindo de descobrir alguma coisa, Victor puxou a cadeira do recepcionista e se sentou, soltando um longo suspiro, quebrando o silêncio mortuário do local. Se realmente estava morto, condenado àquele estranho limbo, não tinha

muito que fazer, a não ser esperar. Era de se admirar que não estivesse mais em pânico, mesmo naquela situação bizarra.

Ali estava ele, numa situação mais surreal que qualquer ficção que já tinha visto e, ao contrário do que sempre imaginara, estava tomado por uma calma inexplicável. Victor relaxou na confortável cadeira da recepção e fechou os olhos. Não estava com sono, mas ficaria ali esperando acordar no mundo real ou então que a morte viesse ceifar o último resquício de sua vida.

O telefone começou a tocar,

despertando-o de seus devaneios.

Com o coração palpitando por causa do susto, Victor ficou atônito, observando o aparelho que há pouco tempo estava mudo. O som estridente do toque contrastava com o ambiente sepulcral da recepção. A dissonância daquele som que se recusava a parar causou uma inquietação em Victor, que retirou bruscamente o telefone do gancho. Não foi necessário dizer nada, pois assim que o encostou no ouvido, uma voz familiar que ecoava nos cantos mais remotos de sua memória disse: — *Você ainda é muito novo para entender o que*

está acontecendo...

Um chiado chamou a atenção de Victor. Não vinha do telefone, mas sim de fora. Virou sua cabeça e observou a tela de um dos monitores se acender. Não mostrava nada, apenas estática, como uma TV mal sintonizada.

— Mas não se preocupe, um dia, talvez, tudo faça sentido...

Victor se aproximou do monitor e observou os flashes de imagens que apareciam na tela à medida que o som do chiado era pouco a pouco substituído por uma música mundialmente conhecida.

— *De qualquer forma, eu gostaria que você guardasse algo em sua cabeça...*

O som do chiado e a estática desapareceram para dar espaço à famosa introdução da Pantera Cor-de-Rosa. A música tocava enquanto a tela mostrava pouco nitidamente a Pantera dançando enquanto o detetive Clouseau tentava perseguir algumas pistas. Victor imediatamente reconheceu aquela como a introdução do filme de 1975, *O Retorno da Pantera Cor-de-Rosa*. Apesar de ser um filme muito antigo, ficou marcado em sua memória por um motivo específico.

O espanto fez com que largasse o telefone, mas a voz que falava com ele continuou, não por trás da linha, mas como se estivesse ao seu lado: — Não importa o que aconteça, nunca se esqueça do quanto eu te amo.

Com um sobressalto, Victor desviou o olhar do monitor no exato momento em que a Pantera dançava como Carmen Miranda, com Clouseau escondido em seu chapéu de frutas. Mas não era mais um monitor, e sim uma TV antiga, daquelas em que era necessário rodar um disco para trocar os canais e melhorar a sintonização.

Foi então que percebeu que não estava mais no saguão do prédio.

Uma sensação nostálgica tomou conta de Victor quando reconheceu o conforto da pequena sala de estar onde agora se encontrava. Aquela era casa onde morou na sua infância. Observou que estava sentado no chão de sinteco, com as costas apoiadas no antigo sofá desbotado, com a velha TV marrom encaixada em um simples móvel de madeira à sua frente. Foi ali que, outrora, aproveitou muitas tardes assistindo desenhos animados depois da aula.

A surpresa causada por aquelas lembranças o emocionou, mas nada podia prepara-lo para o que viria a seguir. Ao virar a cabeça em direção à porta que antigamente levava à cozinha, lágrimas começaram a brotar dos seus olhos. Parado ao seu lado, agachado com um dos joelhos no chão e a mão apoiada em seu ombro, estava seu pai, que falecera quando Victor ainda era uma criança.

Victor ficou paralisado, incrédulo, observando aquele rosto tão familiar e tão amado. Seu coração palpitava e toda a calma que mantivera no saguão onírico da

morte se desfez. Por mais que colocasse na sua cabeça que aquela situação não podia ser real, um tornado de emoções há tempos esquecidas varreu seu autocontrole e as lágrimas se libertaram da prisão de suas pálpebras, escorrendo sem pudor algum. Com soluços estrangulados no peito, Victor abraçou seu pai com toda a força que possuía.

O homem de cabelos negros, cortados rentes ao couro cabeludo, com o rosto liso, marcado por uma rotina de se barbear todos os dias ao acordar, sobressaltou-se por um segundo com aquele abraço, mas

logo o retribuiu. Seus olhos fecharam para impedir qualquer lágrima que também pudesse brotar. Victor sentiu o aperto de seus braços enquanto ainda arfava com os soluços incontrolláveis e se aconchegou nos braços daquele homem de quem, sem saber, sentia tanta falta.

Finalmente conseguiu controlar seus soluços e a torrente de lágrimas se fechou quando começou a se afastar do abraço de seu pai. Foi naquele momento que percebeu que voltara a ser uma criança. Não se tratava de uma mera lembrança, aquilo era um retorno ao passado,

uma viagem no tempo. Victor percebeu como suas mãos e seus braços eram pequenos e só aí se deu conta do seu tamanho. Encarou seu pai, que parecia gigantesco mesmo estando ajoelhado.

— Está tudo bem, meu filho? — Ele perguntou, percebendo o olhar de espanto da criança.

Victor não conseguiu responder. Seu olhar se desviou do rosto bondoso de seu pai e percebeu sobre seu ombro uma figura parada ao fundo, escorada na porta da cozinha. Demorou a reconhecer que aquela sombra que os observava

era sua mãe. Assim que sua forma se tornou mais nítida, percebeu que ela também chorava.

Foi então que se lembrou.

Seu pai vivia envolvido em dívidas que não conseguia pagar. Na época, Victor era apenas uma criança, mas depois ele compreendeu a dificuldade que sua família passava por conta dos endividamentos de seu pai, que vivia recebendo ameaças dos agiotas perigosos com quem arranjava empréstimos.

O que Victor estava revivendo era justamente a última lembrança que

tinha de seu pai vivo. Naquele dia, ele estava prestes a sair de casa, na tentativa de resolver seus problemas, mas nunca retornou. No dia seguinte seu corpo foi encontrado em um beco da cidade, esfaqueado por diversas vezes.

Um lampejo passou pela mente de Victor. Quem sabe não poderia salva-lo? Talvez fosse por esse motivo que tinha voltado ao passado. Agarrado a essa esperança, desviou o olhar novamente para seu pai, ávido para impedi-lo de sair de casa e, assim, evitar que fosse assassinado.

Ao encarar os olhos que eram negros e brilhantes, Victor soltou um grito de dor, pois agora eles estavam opacos e sem vida.

— NÃO! Não, não, não, por Deus, NÃO! — Sua voz infantil gritava embargada pelo choro. Mais uma vez seu coração batia descompassadamente enquanto observava o rosto sem vida de seu pai. As pálpebras desceram para cerrar aqueles olhos que nunca mais se abririam. Vitor sentiu uma vertigem e pensou que fosse desmaiar.

Ao se recuperar, percebeu que não

estava mais em casa. O chão de sinteco fora substituído por uma grama verde que se balançava, dançando ao som do vento que soprava em seu rosto, secando as novas lágrimas que ali escorriam. As paredes desapareceram, assim como todo o resto, dando espaço a um céu azul e um sol radiante. Onde estava a TV que há pouco tempo passava *A Pantera Cor-de-Rosa* agora estava uma lápide cercada por um amontoado de gente, cujos rostos Victor não conseguiu distinguir. Uma coisa, porém, continuava ali: o rosto de seu pai. Agora, porém, estava deitado

dentro de um caixão, sereno como sempre fora, com os olhos fechados e as mãos cruzadas sobre o peito.

Chorando descontroladamente, Victor se aproximou e colocou suas mãozinhas sobre as dele. Queria dizer alguma coisa, mas não conseguiu. Ficou ali apenas soluçando e se questionando o porquê daquela situação. De que adiantava reviver aquele momento, senão para despertar tanto sofrimento? Seria a morte tão cruel assim?

Uma mão apertou seu ombro e o afastou do caixão. Victor

reconheceu sua mãe, que se ajoelhou ao seu lado e o abraçou enquanto o caixão era fechado e preparado para descer à cova diante da lápide. Seus cabelos castanhos, cacheados e volumosos, fizeram cócegas em seu rosto.

— Eu sei, meu querido... — A doce voz de sua mãe, trêmula por causa do pranto, ecoou em seu ouvido. — Eu sei que é difícil.

A primeira pá foi jogada e o som da terra se espalhando em cima do caixão se misturou com a voz de um padre que dizia algumas últimas palavras de consolo aos familiares

e amigos ali presentes. Esses sons, pouco a pouco, foram diminuindo até se tornarem um silêncio absoluto. Quando finalmente não sentiu mais o peso dos braços de sua mãe em seu ombro, Victor desviou os olhos da cova e sua visão foi ofuscada pelo sol.

A primeira coisa que percebeu quando as manchas causadas pela luz sumiram foi um rosto desconhecido que o encarava diretamente. Os lábios se moviam, mas som algum era emitido. Victor tentou se mover, mas nada aconteceu. Estava novamente no saguão do prédio, prisioneiro de

seu próprio corpo.

3

O paramédico que analisava o corpo inerte de Victor percebeu algo inusitado. Apesar de não estar apresentando qualquer sinal de consciência e de seus reflexos estarem quase inexistentes, os olhos daquele paciente estavam brilhando. As gotas de lágrimas começaram a escorrer por seu rosto inexpressivo, deixando uma trilha umedecida por onde passavam.

A visão de Victor se embaçou sem que ele pudesse entender o que

estava acontecendo, pois não sentia as lágrimas que escorriam por seu rosto. Mesmo com a visão turva, conseguiu enxergar os movimentos aflitos que o paramédico começou a fazer.

Com o canto dos olhos, viu a maca ao seu lado antes de ser colocado em cima dela. Estava agora sendo transportado para fora do prédio, direto para a ambulância. Um borrão de luzes passava diante de seus olhos enquanto os paramédicos se movimentavam pelo saguão.

Assim que ultrapassou a saída, foi

tomado pela visão do prédio em que trabalhava, que se estendia ao infinito em direção ao um céu. Sua visão periférica também captou uma nova multidão que se amontoava ao seu redor do lado de fora. Era incrível como que uma tragédia imediatamente atraía tanta curiosidade mórbida.

Embriagado por essa visão vertiginosa, Victor não percebeu que a maca parara de se movimentar. Só tomou conta disso no momento em que sentiu um formigamento em suas pernas.

Os sons voltaram como uma

explosão e uma dor excruciante estourou em seu rosto. O vento soprava em seus ouvidos e uma multidão sussurrava ao seu redor. Sabendo que podia se movimentar novamente, encostou a mão em seu nariz e sentiu um líquido pegajoso nas pontas dos seus dedos. Ao verificar, percebeu que era sangue.

— Vai ficar deitado aí o tempo todo, seu merdinha? — Aquela voz fez com que algo no seu interior rugisse.

Apoiou-se em um braço para se levantar e percebeu que não estava mais em uma maca, mas sim no

chão duro e cimentado de uma calçada. Assim que olhou ao redor viu que a multidão era, na verdade, um grupo de crianças que logo se dispersou correndo para todos os lados. Onde antes estava o prédio em que trabalhava agora havia somente uma construção pequena de três andares. Não demorou a reconhecer sua antiga escola. Aquela era a parte de trás, cercada por um muro de concreto pintado com diversos desenhos infantis. Estudou ali durante a maior parte de sua infância.

— Ficou nervoso por descobrir que meu tio está fodendo sua mãe,

aquela *putinha*? — Novamente ouviu aquela voz infantil irritante. Enquanto se levantava, Victor finalmente enxergou quem o insultava. Era apenas uma criança. Devia ter treze anos, cabelos ruivos encaracolados, rosto sardento e gorducho, sustentando um sorriso irônico e olhos verdes injetados de malícias.

Rafael! Seu nome e sua aparência ficaram gravados na memória de Victor e uma nova onda de lembranças surgiram.

Após o falecimento de seu pai, sua mãe tentou sustenta-lo da melhor

forma que conseguiu. Para ela, era muito difícil conseguir arranjar um emprego que pagasse todas as despesas, ainda mais por ser uma mulher solteira naquela época.

A infância de Victor foi muito regrada e solitária. Durante um período, viveu na casa de sua avó enquanto sua mãe não trabalhava, pois ela não conseguia sustentar a casa em que moravam. Entrou para uma escola pública aos cinco anos de idade, a mesma em que se encontrava agora. Algum tempo depois, sua mãe finalmente conseguiu emprego como secretária em uma pequena empresa de

distribuição de botijões de gás. O salário era muito pequeno para o trabalho realizado, mas era melhor que nada. Somente quando estava mais velho, Victor compreendeu os abusos que sua mãe sofria naquele lugar.

O dono da empresa era um mulherengo que sempre se insinuava para suas empregadas e Deus sabe o que mais ele fazia com elas. Antes de Victor completar seus nove anos de idade, sua avó faleceu, vítima de uma doença cardíaca, não deixando nada para trás além de dívidas. Ele e sua mãe se encontraram no fundo do poço,

não tinham mais onde morar e sua
ela não conseguia comprar ou
alugar uma casa com o salário que
recebia. Vítima desse infortúnio, a
única saída que ela encontrou foi
ceder à canalhice de seu chefe e se
casar com aquele desgraçado que,
para a infelicidade de Victor, era
tio de Rafael, o garoto que agora o
importunava.

Victor se levantou de onde estava
e encarou o garoto balofo que
despertara todas aquelas
lembranças.

Naquele dia estava voltando para
casa, logo depois da aula, quando

Rafael apareceu para provoca-lo mais uma vez. Victor tentou ignorá-lo, como sempre fazia, mas no momento em que ele começou a falar obscenidades sobre sua mãe, coisas que uma criança sequer entendia direito, seu sangue ferveu e ele partiu para cima do gorducho. Como o garoto era três anos mais velho e tinha pelo menos o dobro do seu peso, o resultado para Victor foi um nariz sangrando e um braço deslocado.

O corpo que estava ali agora era do Victor de dez anos de idade, mas a mente e a inteligência eram de um Victor adulto e mais preparado. Da

outra vez que revivera o passado da sua infância, Victor não conseguiu salvar seu pai, mas talvez ali, naquele momento, pudesse ter a satisfação de uma vingança contra a criança que o surrara tanto a ponto de deixa-lo três dias sem ir à escola.

Os olhos verdes de Rafael faiscaram de prazer ao vê-lo de pé novamente, pois assim poderia soca-lo. Victor analisou o ambiente ao seu redor. Assim que o garoto ruivo começou a andar em sua direção, Victor partiu em disparada e começou a escalar uma árvore que crescia ao lado da escola.

— Covarde de merda! — Disse o garoto quando seu corpanzil o alcançou, não em tempo suficiente para impedir que Victor estivesse fora de seu alcance. — Você não tem para onde ir, e eu posso esperar aqui o *dia inteiro*.

— Por que não sobe aqui? Tem medo de espetar suas banhas nesses galhos? Ou será que a árvore não aguentará seu peso? — Victor provocou, enquanto procurava algo para se proteger. O garoto o encarou em silêncio, o rosto sardento ficando mais vermelho que seus cabelos.

Victor avistou um galho comprido e grosso o suficiente para o que planejava. Subiu até estar ao seu alcance e começou a torcê-lo, na tentativa de arrancá-lo da árvore.

— O que você pretende fazer? — Um sorriso de escárnio cruzou aquele rosto ruborizado. — Está pensando em dar isso de presente para meu tio usar na sua mãe?

O comentário maldoso novamente despertou um sentimento dolorido no peito de Victor, e isso foi o suficiente para que arrancasse o galho com toda a força. Enquanto o gordinho abria a boca para mais um

comentário provocante, Victor desceu da árvore em um pulo ágil, caindo em frente dele, com o galho da grossura de um porrete em mãos.

Não houve nenhum comentário. O tempo foi curto o suficiente apenas para que o olhar psicótico de Rafael se transformasse em espanto. Em seguida, o galho acertou o lado esquerdo de seu queixo, deslocando sua mandíbula. O garoto caiu no chão com um estrondo, fazendo o chão tremer. Rafael apalpou sua mandíbula e tentou falar.

— Você... — Antes que a frase

terminasse, o galho voou novamente, acertando a têmpora direita, lançando sua cabeça para o lado oposto com um jorro de sangue.

Victor largou o galho no chão e se ajoelhou sobre a enorme barriga do garoto. Segurou a gola de sua camisa, agora empapada de sangue, e virou sua cabeça em direção à dele.

— Olhe para mim! — Gritou para o rosto obeso, mas o garoto estava com os olhos desnorteados. — OLHE PARA MIM! — Gritou novamente enquanto balançava a

cabeça do gorducho.

— Você... vai... — quando o garoto conseguiu focalizar o rosto de Victor, recebeu um tapa tão forte que imediatamente a tatuagem de uma palma vermelha surgiu em sua bochecha.

— Cale a boca, desgraçado! Entenda uma coisa: você nunca mais vai falar mal de minha mãe!

— V-você vai... me... *ma-matar*?
— Sua voz estava chorosa.

Victor o observou por um momento. Ainda segurava sua gola com a mão esquerda, a direita preparada para soca-lo. A cabeça

do garoto pendia para o lado e ele nem se esforçava mais para enxergar o que acontecia.

— Sim, eu vou.

E nisso o punho direito começou a trabalhar. Vários socos acertando testa, olhos, bochecha, nariz, tudo isso numa cabeça bamba que sequer conseguia ser sustentada pelo pescoço.

Quando finalmente terminou, ambas as mãos de Victor estavam manchadas de sangue e o rosto à sua frente era irreconhecível. Uma respiração seca indicava que Rafael ainda estava vivo. Não

houve remorsos, pois Victor sabia que aquilo tudo não passava de uma lembrança alterada, uma ilusão causada durante seu caminhar sem fim pelos corredores da morte.

Ao desviar o olhar daquela situação, Victor sentiu seu corpo se enrijecer imediatamente. Ele não estava mais ao redor da escola, mas sim em um quarto bagunçado e caindo aos pedaços. Os abajures tombados, a cama de casal desarrumada e as paredes descascando trouxeram novas lembranças de algo que Victor se esforçava para esquecer.

— *Victor...*

Ao olhar para baixo, percebeu que não estava mais sobre o corpanzil de Rafael. Aquele era um corpo magro e feminino de uma adulta. Cabelos volumosos, castanhos e cacheados estavam ensopados de sangue ao redor do rosto que o encarava, também desfigurado por um ato de violência. Sangue se espalhava pelo chão de madeira apodrecida.

— *Meu querido...*

A voz vinha daquela mulher estirada no chão ao seu lado. Os olhos castanhos familiares olharam

diretamente nos seus. Ela levantou uma mão e acariciou seu rosto, deixando algumas marcas de sangue por onde seus dedos passaram.

— *Me desculpe.*

E essas foram suas últimas palavras. Mais uma vez as lágrimas começaram a escorrer dos olhos de Victor, limpando os traços de sangue deixados pelos dedos de sua mãe.

Victor se levantou de súbito da cadeira em que estava sentado. Os batimentos cardíacos explodiam em

seu peito como o motor de um carro prestes a se fundir. Ficou completamente desnorteadado sem compreender onde estava. Tentou limpar sua mente daquelas lembranças e respirar com calma para que seu coração acalmasse.

Quando finalmente recuperou o controle, teve a certeza momentânea de que tudo aquilo fora apenas um sonho. Essa esperança logo se despedaçou quando reconheceu o saguão sombrio do prédio em que estava.

Aparentemente tudo estava exatamente como antes. As janelas

de vidro que davam para a rua continuavam sem a porta giratória e, do outro lado, havia apenas escuridão. Victor, ainda em choque, se apoiou na bancada da recepção e viu os papéis ali espalhados e a tela do monitor desligada. Tirou o telefone do gancho e o levou ao ouvido, mas estava mudo.

Victor podia estar morrendo na *vida real*, mas não conseguia entender o motivo de estar revivendo todas aquelas lembranças. Tudo era dolorido demais. Sua vida não foi nada fácil na infância e na adolescência e, quando finalmente chegou à idade

adulta e conseguiu superar todos aqueles traumas, estava sendo levado de volta ao passado no que parecia ser uma espécie de seu purgatório pessoal.

Sentou-se novamente na cadeira do recepcionista e afundou sua cabeça nas mãos em desespero. Foi tolo ao acreditar que conseguiria lidar com a morte de forma calma, e por isso agora estava sendo torturado ali, trancafiado no saguão do prédio onde a vida provavelmente escapulira de seu corpo.

Ding

O som da sineta do elevador o despertou e ele virou a cabeça a tempo de ver as portas do elevador se fechando. Levantou-se e observou o painel eletrônico indicar que o elevador não estava subindo, mas sim descendo.

O prédio em que Victor trabalhava possuía apenas dois andares abaixo do térreo, onde ficavam as garagens, indicadas como G1 e G2. O painel do elevador, porém, não indicava nenhum desses andares. A luz vermelha dos números apenas se acendia e se apagava em traços sem sentidos até que finalmente se apagou por completo.

Victor se aproximou das portas fechadas para verificar se o elevador ainda se movimentava, mas não conseguiu ouvir nada. Ao se afastar, as luzes do saguão começaram a piscar. Assustado, começou a dar alguns passos para trás, observando tudo ao seu redor até que todas as luzes se apagaram, deixando-o na total escuridão.

Sem conseguir enxergar um palmo à sua frente, ele se agachou e começou a tatear pelo chão. O medo começou a dominá-lo enquanto tentava se orientar. Finalmente sua mão esbarrou em algum objeto frio e metálico que

não conseguiu identificar de imediato. Quando o objeto finalmente tomou forma em suas mãos, sentiu-se sufocado, pois teve a certeza imediata de que estava segurando um revólver. Mais do que isso, sabia exatamente que arma era aquela, um calibre que seu padrasto guardava em casa. Ele sentia perfeitamente os familiares arranhões no cano do revólver enquanto novas lembranças brotavam em sua mente.

Ding

O painel do elevador estava aceso e emitia uma luz que, naquela

escuridão, era quase como um farol. Victor se aproximou com a arma ainda em punho e percebeu que o painel indicava alguns símbolos estranhos, como se estivesse com defeito.

Ding

Os símbolos mudaram e o pânico começou a dominá-lo. Tentou se livrar da arma, mas simplesmente não conseguia soltá-la.

Ding

O painel se iluminou com a letra P, indicando que estava agora naquele andar.

A porta do elevador começou a se

abrir e Victor pôde reparar em cada detalhe. Primeiro um filete de luz branca se destacou na escuridão. O filete foi se engrossando e a luz o cegou momentaneamente. Quando a porta terminou de abrir e sua visão começou a se acostumar com a iluminação, percebeu uma figura solitária no meio do elevador.

— Que *porra* é essa, moleque? — Gritou uma voz masculina, e a pessoa começou a se movimentar para fora do elevador.

Com passos hesitantes, Victor foi se afastando até esbarrar na bancada da recepção. Seus olhos

ainda doíam com a iluminação repentina, mas agora já conseguia enxergar melhor.

— Vai fazer o que com *minha* arma?

O homem continuou andando em sua direção, era apenas uma sombra irreconhecível.

Victor imediatamente apontou aquela figura. O homem estancou seus passos e ficou em silêncio por alguns segundos. Duas figuras solitárias se encaravam na escuridão, somente o estranho podia ver o rosto de Victor e ele finalmente quebrou o silêncio: — O

que foi? Vai me matar? Quer vingar sua *mãezinha*? — O homem deu mais um passo, agora cambaleante, e continuou falando: — Eu não queria bater nela, sabe? Mas ela pediu para apanhar. Aquela cadela não calava a boca nem por um segundo.

Mesmo não conseguindo enxergar o rosto do homem, Victor reconheceu de imediato aquela voz seca e rouca, fruto de anos de bebedeira e vítima de diversos maços de cigarros. Todas as luzes do saguão se acenderam novamente e foi possível enxergar claramente o inesquecível rosto de seu

padrasto, marcado com diversas rugas e barba por fazer, os cabelos grisalhos estavam desgrenhados e oleosos. Os olhos desfocados por causa da bebida o encaravam exatamente como no dia em que ele matou sua mãe.

— Ela sempre tentava te proteger, mas pro diabo com você, fedelho irritante e mimado! Tudo que você precisava era de uma boa surra, e agora nós podemos tratar disso! — Enquanto falava, foi tirando o cinto das calças desbotadas e o enrolou na mão esquerda.

Victor mais uma vez lutou para se

livrar da arma, mas seu braço não o obedecia. Continuou mirando no peito nu de seu padrasto enquanto ele se aproximava a passos lentos.

— O sangue dela está em suas mãos, garoto! — Victor se lembrou das palmas de suas mãos manchadas com o sangue de sua mãe e agarrou a arma com mais força.

O homem estava a apenas alguns passos e começou a levantar o braço esquerdo, o cinto enrolado em sua mão se balançando como uma víbora preparando-se para dar o bote.

— Aquela *puta* gritou seu nome quando a espanquei e por isso bati mais forte.

Victor puxou o gatilho. Após a explosão do disparo, o homem desapareceu no ar, não restando sinais da bala disparada.

O som de uma sirene estourou de repente ao seu redor. Impulsionado pelo susto, Victor largou a arma no chão e levou as mãos aos ouvidos, mas o som continuava, como se estivesse dentro de sua cabeça.

Ainda apoiado no balcão da recepção, deixou-se escorregar para o chão e ficou ali sentado, com

as mãos ainda tapando as orelhas, choramingando. Queria que aquela loucura acabasse logo, não podia mais aguentar essa situação. Victor percebeu que preferia morrer a enfrentar aquela situação novamente.

Novas lágrimas começaram a escorrer de seus olhos quando ele tirou as mãos das orelhas e começou a tatear procurando pela arma que largara. Encontrou-a e verificou o tambor: ainda restavam 3 tiros.

— Me perdoem! — Sua voz estava embargada pelo choro e as

palavras eram dirigidas a ninguém em especial e, ao mesmo tempo, a todos. — Me desculpem por não lutar, mas *isso* eu não aguento.

Fechou os olhos, enfiou o cano da arma na boca e, sem hesitação, puxou novamente o gatilho.

4

Os paramédicos já estavam quase perdendo as esperanças. O corpo de Victor estava deitado em uma maca que se chacoalhava dentro da ambulância e o monitor cardíaco não indicava nenhum sinal de seus batimentos. Em uma última tentativa, o desfibrilador foi preparado novamente.

Para Victor, logo após puxar o gatilho, não houve outro disparo, mas sim uma intensa dor no peito. Seu corpo se contorceu com um

espasmo e, ao arregalar os olhos, percebeu que não estava mais no saguão do prédio, mas sim em um cubículo apertado, deitado em uma maca com diversos aparelhos ao seu redor e uma forte iluminação em seu rosto. Na sua frente, dois médicos o encaravam com incredulidade enquanto um *bip bip bip* acelerado se misturava ao som da sirene da ambulância.

Victor logo percebeu que tinha novamente comando sobre seus membros e podia ouvir tudo ao seu redor. Antes que os médicos pudessem abrissem a boca, ele agarrou o braço daquele que estava

ao seu lado e gritou: — NÃO DEIXE ELES ME LEVAREM!

Os médicos começaram um alvoroço, tentando acalmar o paciente em pânico. Os batimentos cardíacos tinham que ser controlados, caso contrário o coração poderia falhar novamente.

— ME DEIXE MORRER! NÃO QUERO VOLTAR PARA LÁ... — Victor continuava gritando, e os médicos já não sabiam o que fazer.

Aquele que estava com os braços livres imediatamente pegou uma seringa e injetou um calmante nos tubos de soro do paciente.

Victor se calou por alguns segundos, encarando o médico. Pouco a pouco, seus olhos ficaram desfocados e ele já sentia que começava a perder mais uma vez os seus movimentos.

— Por quê? Por que não me deixam em paz? — Fechou os olhos e, antes de ficar desacordado, sussurrou — Eu prefiro... morrer.

Os sons desapareceram e só restou a escuridão.

Victor ainda estava consciente, mas nada podia fazer. Por isso esperou. Enquanto o tempo passava, ele pôde revistar os cantos

remotos de sua mente onde se ocultavam suas mais tenebrosas lembranças.

Era o último dia de aula e, assim que o sinal bateu, Victor correu para casa.

Ao entrar, tudo parecia deserto. Silencioso demais.

— Mãe? — Victor observou a sala desarrumada de sempre. — Mãããe? — Espiou pela cozinha imunda, mas não encontrou ninguém. — Mamãe, já cheguei... — Sua voz começou a tremer quando, ao se aproximar do quarto, viu os cacos de vidro do

abajur quebrado.

Victor correu, esmagando o que restou do abajur, e, junto ao som de vidro se estilhaçando, percebeu também um gemido.

A primeira coisa que viu foi o sangue e alguns tufo de cabelo aos pés da cama. Ao terminar de contorna-la, viu sua mãe deitada no chão com mais sangue se acumulando ao redor de seu corpo. Uma de suas pernas estava dobrada em uma posição que parecia ser humanamente impossível.

Quando se ajoelhou ao lado do

corpo, Victor já sabia que era tarde demais para socorrê-la. Por isso ficou ali, ouviu suas últimas palavras e observou seus olhos perderem o brilho da vida no momento em que um último suspiro era exalado.

Era apenas uma criança, mas estava com a mente inundada de um ódio que assustaria qualquer adulto. Sabia que aquilo era obra do maldito padrasto, e tudo que conseguia pensar era em vingança. Por isso não se preocupou em gritar por socorro ou ligar para a emergência. Apenas se dirigiu à mesa de

cabeceira e abriu a gaveta. Ali estava a arma, e ele sabia como dispará-la.

A porta de casa se abriu e o padraсто entrou tentando se apoiar no batente para não cair no chão. Estava tão bêbado que mal percebeu o garoto com uma arma na mão sentado no sofá.

— Que... -hic- que porra é essa?

Largou o batente e cambaleou em direção a Victor.

— Parece que -hic- já encontrou a... -hic- aquela vagabunda...

A criança apontou a arma, armou o martelo e puxou o gatilho sem

hesitar.

Infelizmente Victor não tinha força suficiente para aguentar o coice da arma e sua mira não era lá grandes coisas. A bala passou de raspão no pescoço do homem e filetes de sangue começaram a escorrer por ali.

— Filho da puta! — o padrasto levou a mão ao pescoço e se adiantou para o garoto. Os sinais de embriaguez desapareceram no momento do susto e ele o agarrou pelo pescoço com a mão ensanguentada enquanto, com a outra, desatava o cinto das calças

*preparando para espanca-lo. —
Você vai pagar por isso, moleque
desgraçado...*

*Mais dois tiros foram disparados
e o imenso corpo do homem caiu
por sobre o de Victor. Seu rosto
estava marcado por uma expressão
descrente e ele abriu a boca para
tentar falar mais alguma coisa,
mas tudo o que conseguiu foi
soltar uma tosse estrangulada com
borrifos de sangue.*

*Quando os policiais finalmente
chegaram na casa, o padrasto já
estava morto.*

Enquanto permanecia na escuridão, as lembranças surgiam impetuosamente, contra sua vontade, como um remédio sendo empurrado goela abaixo no paciente.

A escuridão pouco a pouco começou a tomar forma. Uma dormência em seus membros fez com que Victor percebesse que possuía novamente um corpo. Movimentou os dedos das mãos, sentindo-os, e começou a mover sua cabeça. Sombras foram surgindo e alguns sons começavam a ecoar em sua mente.

Psiu...

Victor se virou em direção ao som, e lá estava a silhueta de alguém.

Acorde!

Percebeu que estava deitado em uma cama ao lado de uma janela com grades de proteção. Do lado de fora, um céu escuro salpicado de estrelas tomava sua visão. Ao se virar para o outro lado, percebeu diversas outras camas se estendendo ao longo do quarto onde estava. Pensou que estivesse no leito de um hospital e começou a sussurrar uma prece a Deus por

estar vivo.

Uma mão tapou sua boca com violência.

— *Cale a boca, garoto!* —
Alguém estava sentado aos pés de sua cama. A pessoa aproximou seu rosto de modo que, com a baixa iluminação que vinha da janela, Victor tomou consciência de mais uma assombração de seu passado.

Estava no orfanato.

O rosto cheio de espinhas de um adolescente o encarava. Os olhos negros refletindo a pouca iluminação que vinha da janela aberta se estreitaram ao perceber a

expressão assustada de Victor.

— Cara, fica tranquilo... sou eu!

— Ben...? — Victor reconheceu o rosto de Benjamin, o único amigo que fez durante os 4 anos que passou no orfanato.

— Sim, seu imbecil, já são duas da manhã, vamos dar o fora daqui! E fecha essa boca, não podemos fazer barulho!

Victor se levantou da cama com cuidado e observou melhor o local onde estavam. O quarto enorme se estendia para além da escuridão, sem qualquer iluminação que os orientasse. Diversas camas estavam

espalhadas pelo local em fileiras, mas nenhuma delas estava ocupada.

A sensação de estar de volta naquele lugar era estranha. Um clima sombrio se espalhava por ali, como se estivessem em uma espécie de filme de terror. O silêncio era tão absoluto que o sussurro dos garotos ecoava pela escuridão. Todas as lembranças do orfanato eram terríveis e a única coisa boa que restou daquele lugar foi a amizade de Victor e Ben.

— Vamos logo, porra! Você quer, ou não, sair daqui?

Os sussurros de Ben despertaram

Victor de seu devaneio, e ele se pôs a caminhar, seguindo seu amigo através das camas vazias. Seus pés descalços estavam congelando enquanto caminhava pelo piso de mármore do dormitório tentando não fazer barulho.

Mármore?

O piso do dormitório era de madeira, Victor se lembrava perfeitamente disso pois usava uma tábua despregada do chão para esconder alguns pertences. Por que diabos estava caminhando por um piso de mármore? Onde ele estava *realmente*?

Um calafrio se espalhou por sua espinha e Victor esticou seu braço, tocando no ombro de Ben.

— O que foi? — Sussurrou ele com impaciência.

— Onde estão os outros garotos?

— *Cale a boca!* Falando nessa altura você vai despertar todos eles...

— Mas não tem ninguém aqui — Victor olhou ao seu redor e viu somente as camas vazias que se estendiam infinitamente por todos os lados, sem nenhum sinal de saída. A vários metros de distância estava a janela de sua cama, a única

fonte de iluminação do local. Os garotos já tinham caminhado por uma boa parte do dormitório, e não havia sinal de nenhuma outra fonte de luz, nem de qualquer parede, porta ou janela.

— Confie em mim... depois que fugirmos desse lugar, eu explicarei tudo! Mas agora você tem que vir comigo, não pode desistir!

Victor olhou para trás uma última vez e depois encarou o que vinha à sua frente: apenas escuridão. Deu um longo suspiro e acenou com a cabeça indicando a Ben que podia seguir em frente. O garoto deu um

largo sorriso e esticou sua mão para que Victor a segurasse.

Passo após passo, os garotos caminharam pelo dormitório até que a escuridão os engoliu. A janela agora era apenas um pequeno ponto distante que nada mais iluminava. Sem conseguir se orientar sozinho, Victor deixou-se guiar totalmente por Ben. Tinha uma confiança cega naquele garoto e sabia que ele seria capaz de guia-lo para fora dali.

— Espere um pouco, acho que chegamos. — Ben estancou os passos e soltou a mão de Victor. —

Acho que tem uma porta por aqui...

Assim que ele se calou, um som de passos arrastados se destacou no silêncio do local. Victor prendeu sua respiração e tentou enxergar algo ao seu redor enquanto o coração pulava no peito. O som estava vindo por trás e aumentava progressivamente na medida em que se aproximava.

— Ben... acho melhor você andar rápido! — A voz trêmula de Victor não conseguia mais sussurrar.

— Que *merda*, Victor! Já falei para você falar baixo! — Os passos arrastados começaram a acelerar e

se aproximavam cada vez mais. —
Agora eles já sabem... *achei!*

O barulho de uma maçaneta girando e da porta se abrindo abafou por um instante o som dos passos que os perseguiam. Um filete de luz começou a se formar enquanto a porta se abria. A iluminação do outro cômodo era muito fraca, mas era mais que suficiente para que Victor enxergasse o que se aproximava.

Uma criatura cadavérica, com olhos totalmente negros como um céu sem estrelas o encarava com a boca aberta deixando à mostra

dentes afiados como pontas de lanças. O corpo esquelético andava cambaleante em sua direção, com todos os membros se contorcendo a cada passo dado. Estava vestido com um macacão xadrez esfarrapado, que Victor imediatamente reconheceu como o do antigo zelador do orfanato.

Quando a porta foi completamente aberta e a luz se lançou sobre a criatura, sua boca se escancarou em proporções desumanas e um guincho gutural saiu dali. Sem pensar duas vezes, Victor se virou e correu em direção à luz, alcançando Ben no caminho. Os garotos

atravessaram a porta e a fecharam imediatamente.

— Não dá para perder mais tempo — disse Ben ofegante — temos que sair daqui.

— Que porra era aquilo?

— Não fique com medo. Você já escapou dele uma vez, e sei que consegue escapar de novo.

— Escapei... — Um estrondo impediu que Victor terminasse a frase. A criatura golpeava a porta pelo outro lado.

— Vamos!

Estavam agora de frente para uma escadaria de incêndio. Ben agarrou

sua mão e começou a correr, descendo os degraus sem olhar para trás. Os lances de escada eram pouco iluminados por pequenas lâmpadas de emergência que ficavam apenas no patamar dos andares, lançando uma luz vermelha pelos degraus.

Enquanto corria ao lado de Ben, Victor começou a ouvir algumas vozes sussurrando ao longo das escadas. Quanto mais lances desciam, mais os sussurros aumentavam. De repente, as luzes de emergência começaram a piscar de forma inconstante, deixando os garotos em momentos de completa

escuridão.

Em um dos piques de luz, Ben acabou tropeçando em um degrau e foi de encontro ao chão, rolando o lance de escadas. Victor tentou continuar segurando sua mão, mas acabou soltando-a.

— Ben! Está tudo bem? Você se machucou? — Enquanto gritava, tateava o chão em direção aos gemidos do amigo.

— Está tudo bem. Acho que apenas torci a perna, mas consigo continuar.

Victor acabou esbarrando em seu corpo e o ajudou a se levantar.

— Então vamos. — Disse ele agarrando a mão do amigo. — Que mão gelada, cara. Tem certeza que está tudo bem?

— Mão gelada? Do que você está... — As luzes de emergência novamente se acenderam e a primeira coisa que Victor percebeu foi Ben a diversos passos de distância, sentado no chão, com as costas apoiadas na parede. Ao seu lado, um vulto negro se estendia pela parede e uma pegajosa mão, como se fosse feita de piche, segurava a sua.

O coração de Victor saltou pela

boca e ele largou aquela mão com repulsa. Correu até o amigo e se ajoelhou para ajudá-lo a levantar. Quando já estava com Ben apoiado em seu ombro, percebeu que ambos estavam cercados por diversos vultos fantasmagóricos indistinguíveis, que lançavam sussurros ameaçadores enquanto se aproximavam.

Começou a correr novamente com Ben mancando ao seu lado. Na medida em que desciam, mãos surgiam pelas paredes iluminadas de vermelho tentando agarrar os garotos. Diversas sombras se formavam ao seu redor tentando

impedir o seu progresso.

Finalmente os dois chegaram ao patamar das escadas e Victor empurrou a porta de emergência, entrando em um longo corredor que se estendia até um largo feixe de luz.

— Você está bem? — Perguntou a Ben enquanto se virava para fechar a porta de incêndio.

— Estou — sua voz ofegante dizia o contrário. — Vamos continuar. Não podemos perder tempo.

O corredor em que estavam era parecido com corredores de hotéis, porém não havia nenhuma porta ao

longo dele. Victor passou a mão pelos ombros do amigo e eles seguiram em direção ao feixe de luz. Enquanto caminhavam, Victor enxergava a silhueta de diversos fantasmas que o assombraram naquele lugar: crianças e adolescentes que viviam brigando com ele, professores e tutores que usavam da violência como técnica de ensino, diversos casais que o rejeitaram para a adoção, dentre outros rostos que ficaram gravados em sua memória. Agora, porém, ao lado de Ben, não temia nenhuma daquelas figuras e sabia que tudo ficaria bem.

— Victor... — Ben parou de caminhar quando estavam bem próximos ao feixe de luz. — A partir daqui você tem que ir sozinho.

— Do que você está falando? — Perguntou ele incrédulo. — Chegamos até aqui juntos, e vamos sair juntos. — Tentou agarrar sua mão, mas Ben se esquivou.

— Eu não posso — abaixou a gola de seu pijama e mostrou as cicatrizes em seu pescoço — você sabe disso...

As pernas de Victor cambalearam quando a nova onda de lembranças

dominou sua cabeça. Lembrou-se que, quando finalmente completou seus dezoito anos e conseguiu sair do orfanato, Benjamin Alves, seu único amigo, não aguentou ficar sozinho naquele lugar e se enforcou com uma corda improvisada. Aos seus pés foi encontrada uma faca de cozinha ensanguentada. No mesmo dia, encontraram o corpo do zelador em uma despensa, ele fora esfaqueado diversas vezes. Todos naquele lugar sabiam da fama de pedófilo daquele homem, mas ninguém nunca moveu um dedo para impedi-lo. Ben apenas encontrou sua própria maneira de encerrar

aquele pesadelo.

— Se você tivesse esperado mais alguns meses... — Victor disse com a voz embargada e tentou mais uma vez segurar a mão de seu amigo.

— Eu não consegui, cara. — Ben abaixou a cabeça e encarou os próprios pés. — Sinto muito...

A criatura com os olhos negros e dentes afiados surgiu por trás de Ben, caminhando a passos lentos com o corpo se contorcendo. Ao perceber a expressão de espanto do amigo, Ben olhou para trás e disse: — Está tudo bem. Eu já cuidei dele uma vez e posso fazer isso de novo.

— Se virou novamente para Victor e o abraçou. — Agora vá!

Ben o empurrou para o feixe de luz.

— NÃO! — Victor tentou voltar, mas se sentiu sugado para longe. Na medida em que o feixe de luz o tragava, viu seu amigo se despedir e partir em direção à criatura que o assombrou por tanto tempo.

No final, não restou mais nada, somente a luz.

5

— Bem-vindo de volta, sr. Victor.

Assustado com a voz, Victor percebeu que estava apoiado na recepção do saguão do prédio onde trabalhava. À sua frente, um homem vestido com um terno negro e um penteado impecável estava sentado na cadeira do recepcionista. Seu rosto não demonstrava nenhuma expressão, os olhos castanhos escuros o encaravam como se não fosse nada além de um objeto naquele lugar.

— Quem é você? Onde estou? —
Perguntou Victor voltando a encarar o homem.

— Pode me chamar de John. *Senhor* John. — Disse o homem sem alterar o tom de voz. — E estamos no hall do prédio onde o senhor trabalha. Não reconhece o local?

— Sim... quero dizer, *não*! Tem alguma coisa errada. Quero saber o que está acontecendo! — Seu tom de voz já estava alterado, quase gritando.

— Bem, sr. Victor, existem muito mais coisas entre o céu e a terra do

que nossa vã filosofia pode imaginar.

— Citar Shakespeare não me parece uma boa resposta. Eu quero saber o que está acontecendo! O que você espera de mim? Por que está me fazendo passar por tudo isso? Me responda!

— Ninguém está esperando nada de você, sr. Victor. Esse é apenas um caminho a se seguir quando nos encontramos entre a luz e a escuridão, mas, no final das contas, o senhor é o único responsável pelo próprio destino.

Victor estava começando a ficar

impaciente e tentou se mover para cima do homem, mas suas pernas não obedeceram ao comando.

— Tenho que admitir, porém, que vi poucas pessoas lutarem como você, — continuou ele sem alterar o tom de voz — estamos impressionados com sua perseverança. Por essa razão, deixaremos a escolha em suas mãos.

O homem se levantou e caminhou para fora da bancada de recepção, em direção ao elevador de funcionários, apertando o botão para chama-lo.

— Você é uma boa pessoa, Sr. Victor. — John tirou uma velha lata de dentro do terno e a balançou, fazendo com que as várias moedas lá dentro chacoalhassem com um som metálico. — Sabe quantas pessoas se dispuseram de algumas moedas para me ajudar enquanto eu estava na porta deste prédio? Apenas você e mais duas.

Victor escancarou a boca, mas não conseguiu emitir som algum. Lembrou-se da senhora sem pernas que estava pedindo dinheiro naquela manhã, e agora via a sutil semelhança entre ela e o homem extremamente bem-arrumado à sua

frente.

— Vivemos em um mundo caótico, e acreditamos que pessoas como você possam fazer alguma diferença. Por isso estamos te dando uma segunda chance. Mas saiba que, se essa for sua vontade, pode ser que haja algumas... *consequências*.

A porta do elevador se abriu e uma claridade se espalhou pelo salão. Victor tapou os olhos com as mãos e tentou enxergar o que havia lá dentro, mas a luz era muito forte.

Sr. John se afastou do elevador e se aproximou da parede de vidro no

outro extremo do saguão. Com um toque de sua mão, o vidro se estilhaçou, deixando a infinita escuridão à espreita.

— Sr. Victor, a escolha é sua. — O homem seguiu em direção à escuridão e desapareceu.

— Ei, espere! — Victor tentou correr em sua direção, mas não teve coragem de ir adiante, pois as trevas pareciam querer engoli-lo.

Sozinho novamente naquele saguão, Victor ficou alternando seu olhar entre a forte iluminação do elevador e o longo caminho obscuro que se espalhava para além

do prédio onde estava. Longos questionamentos acerca de sua existência tomaram conta de sua mente enquanto se esforçava para tomar uma decisão.

Grande parte de sua vida foi tomada por muito sofrimento e as pessoas que ele mais amava foram levadas pelo sopro incessante da morte. Aproximou-se ainda mais da escuridão, sabendo que não existia mais nenhum obstáculo que o impedisse de seguir naquela direção e ficou observando-a. Valeria mesmo a pena viver? Ali estavam os vultos de seus pais, que se esforçaram ao máximo para dar

uma boa vida ao seu filho e tudo o que conseguiram foi o triste destino da morte. Também ali estava Ben, seu único amigo, a pessoa que lhe deu forças para seguir em frente quando a única coisa em que conseguia pensar era desistir.

Victor olhou para trás e viu a luz do elevador. O que estaria deixando para trás? Conseguiu dar a volta por cima, formou-se em um bom curso e conseguiu um bom trabalho, mas todos os fantasmas de sua infância e adolescência ainda o atormentavam. Ainda sentia uma grande infelicidade na sua vã existência, não conseguia se

encaixar na sociedade em que vivia, pois em cada canto que se encontrava, seus traumas estavam presentes como um grande peso em suas costas. Virou-se novamente para escuridão e deu um passo à frente. Estava decidido.

Victor? Querido? Por favor, não desista...

Aquela voz...

Eu preciso de você.

Laura! Como pôde ele pensar apenas em suas conquistas e se esquecer da única coisa que lhe dava forças para continuar? Depois de todo seu sofrimento, nenhuma

superação foi o suficiente para que ele se sentisse feliz novamente... até que Laura surgiu em sua vida. Foi ela a única pessoa com quem Victor conseguiu se abrir, deixando que saltasse de seu peito todos seus medos e frustrações. Seus traumas ainda não estavam superados, mas ele sabia que, ao lado dela, ele conseguiria lutar.

Victor poderia deixar para trás seu trabalho, os livros que não tinha terminado de ler, sua casa e até mesmo alguns *amigos*. Mas não podia deixar Laura! Sua eternidade não estaria completa se estivesse longe dela. Virou-se novamente

para o elevador e apressou o passo em sua direção.

Victor, por favor...

Sem nenhuma hesitação, Victor fechou os olhos, saltou para dentro do elevador e foi tragado novamente pela luz. Uma sensação de vertigem o dominou e ele de repente se sentiu muito cansado. Seu último pensamento antes de apagar foi que finalmente poderia descansar um pouco.

Bip

O som o despertou.

Abriu os olhos, tomado por uma letargia incomum. Seus pensamentos estavam embaralhados em sua mente. Demorou a perceber que estava deitado em uma cama.

Bip

Tentou olhar ao redor, mas pouco captou antes de fechar os olhos novamente. Estava se sentindo muito tonto. Voltou a dormir.

Bip

Abriu novamente os olhos e enxergou a silhueta de uma pessoa. Piscou algumas vezes até que a forma de uma mulher ruiva um pouco acima do peso ficou em foco.

Ela vestia um avental azul e deu um largo sorriso para Victor.

— Olha só quem está de volta!

Victor tentou abrir a boca e dizer alguma coisa, mas sua língua parecia inchada e pegajosa demais para conseguir produzir algum som.

— Ei, ei, não se preocupe. Agora já está tudo sob controle, pode descansar. Vou chamar alguém que ficará muito feliz com as novas notícias.

A mulher deu as costas e se afastou. Victor foi deixado sozinho com o lento e constante *bip* até que adormeceu novamente.

— Querido? — A voz de Laura o despertou.

Quando abriu os olhos, seu coração se encheu de alegria ao conseguir focar seu rosto. Os longos cabelos loiros escorriam por seus ombros e os olhos verdes estavam cheios de lágrimas que escorriam por seu rosto até alcançarem os cantos de seus lábios, que sorriam com alívio.

— Ah, meu bem! — Disse ela soluçando enquanto se abaixava para abraça-lo na cama com cuidado. Seus lábios se encontraram com os dele em um

suave beijo.

— O que... o que aconteceu? —
Perguntou ele, embaralhando a voz,
quando ela se afastou.

— Você sofreu... — ela deu uma
fungada — um ataque cardíaco...

— Um ataque...?

— Não precisamos falar sobre
isso agora... o que importa é que
você está vivo! Parece que seu
coração ficou algum tempo sem
bater e os médicos não tinham
certeza se você conseguiria voltar.

— Ela fez uma pausa para soltar um
som que era algo entre um soluço e
uma risada. — Você esteve

literalmente *morto* por alguns segundos, Victor!

Ele fechou os olhos e largou a cabeça no travesseiro.

Morto...

Tentou organizar seus pensamentos, mas tudo era muito confuso. Não se lembrava de muita coisa. Estava indo para o trabalho naquele dia. Lembrou-se de ter alguma discussão com Laura pelo telefone, mas não sabia qual era o motivo. Entrou no prédio, lembrou-se de ter dado um trocado para uma pedinte...

— Por que você não queria que eu

fosse trabalhar nessa manhã?

Laura começou a chorar incontrolavelmente enquanto respondia: — Eu não sei! Apenas estava sentindo que algo ruim estava para acontecer, e... você sabe como eu sou com *essas coisas*!

Lembrou-se de ter cumprimentado o porteiro e seguir para o elevador. Foi aí que ele sentiu uma dor no peito, no exato momento em que as portas do elevador se abriam. A partir daí, não se lembrava de muita coisa.

O elevador!

Victor abriu os olhos e se virou para Laura: — Laura! — Ela o encarou com curiosidade. — Acho que agora eu entendo o que é *ver a vida passar diante de seus olhos*.

Epílogo *Duas semanas depois.*

— Sabe, acho que para alguém que acabou de se recuperar de um ataque cardíaco, toda essa gordura não é uma boa ideia — disse Laura rindo, apontando com o talher para o prato de Victor.

— Mas essa é uma ocasião especial!

Os dois jantavam em uma famosa choperia da cidade. O lugar tinha um significado especial para eles. Há pouco mais de dois anos, Victor cedeu à insistência de alguns colegas de trabalho para ir a um

happy hour naquele local. Apesar de não ter nenhuma vontade de se socializar, a noite acabou trazendo uma grande surpresa, pois um de seus colegas levou uma amiga que, ao primeiro olhar, conseguiu aquecer o gélido coração de Victor. Foi ali, em um irônico golpe do destino, que Victor conheceu Laura, a única pessoa que conseguiu lhe trazer um novo sentido para a sua vida. E seria ali, no mesmo lugar, que Victor selaria aquela união.

— Laura, — ele esticou o braço para tocar o rosto dela — eu estava planejando trazê-la aqui no dia do nosso aniversário de namoro, mas

jamais imaginei que meu coração fosse dar um tranco justamente naquele dia. — Os olhos dela se encheram de lágrimas, e ela juntou sua mão em cima da dele em seu rosto.

Com o outro braço, Victor retirou uma caixinha aveludada de dentro de seu paletó e a empurrou através da mesa.

— Independentemente disso, eu gostaria de saber se você gostaria de me suportar pelo resto de nossas vidas. — A caixinha se abriu e Laura viu a aliança de noivado refletindo o brilho das luzes lá

dentro. Seus olhos se iluminaram de exaltação. Ela agarrou o rosto de Victor com as duas mãos e o puxou para si através da mesa, beijando-o repetidamente.

— É *claro* que eu quero! — Continuou beijando-o diversas vezes, salpicando seu rosto com as lágrimas de felicidade que escorriam. — Te suportaria até mesmo para além da eternidade!

Várias pessoas sentadas nas mesas ao redor perceberam o que estava acontecendo e começaram a aplaudir. Quando Victor se afastou, e segurou a mão de Laura para

encaixar o anel em seu dedo, observou sobre seus ombros um homem solitário em uma mesa adiante. Ele vestia um terno negro impecável, segurava uma taça de vinho e os observava com atenção. Ao perceber o olhar de Victor, o homem ergueu a taça em cumprimento, e seu rosto esboçou um sorriso quase imperceptível.

Victor ficou um pouco desnorteado sem entender o porquê, mas acenou com a cabeça em direção ao homem, como um sinal de agradecimento. Voltou o olhar para Laura e sorriu a ver como o anel se encaixou perfeitamente em seu

dedo. Quando olhou novamente sobre seus ombros, a mesa estava vazia.